



Ahora estaré con mi hijo, el asesino de tu herencia (Now I will be with my son, the murderer of your heritage), 2011
Argentine Pavilion at the 54th Biennale di Venezia, Venice
Cortesia do artista e Ruth Benzacar Art Gallery, Buenos Aires
Fotografia: Oliver C. Haas

Jorge Kantor*

Finais indesejados ou o lado escuro do *setting*

Neste número, **Vórtice** nos propõe a exploração de aspectos negativos do tratamento. Os relatos nos colocarão em contato com algumas situações desfavoráveis que podem se apresentar no consultório analítico: cenários que nos permitem notar que um tratamento analítico está indo mal.

Isso pode ocorrer por múltiplos fatores. Seguindo a analogia proposta por Freud (1913/1987, p. 125) entre o xadrez e a análise, há tratamentos que são como partidas perdidas. Ainda que os fracassos possam ser estudados, em todos esses casos a entropia alcançou uma magnitude impossível de frear no *setting*. Dito em linguagem mítica psicanalítica: Thanatos obteve sua vitória.

Há muitas formas nas que Thanatos vence uma partida. No texto aludido, Freud se queixa de ter que se empenhar “angustiosamente” (p.1 31) para conseguir que os pacientes aceitem dar por finalizada a análise. Também nos adverte sobre o *furor curandis* e sobre a transferência erótica como duas formas potentes de resistência (Freud, 1912/1987, 1913/1987), entre outras situações negativas.

Em ocasiões, o anúncio de um fracasso se manifesta através da transferência negativa

do analista, ou seja, quando um analisado lhe provoca sentimentos de antipatia. Nessas circunstâncias, não é improvável que proponha interpretações excessivas e/ou que permaneça em silêncio durante tempos muito longos, com o que evoca cenários de intrusão e/ou de abandono e converte assim o tratamento em iatrogênico. No entanto, poderiam ser mencionadas situações ainda mais terríveis, nas que o analista vira o tabuleiro de xadrez ao desonrar com seu comportamento a ética do enquadre.

Às vezes a depreciação do *setting* acontece por situações alheias ao processo em si, como podem ser circunstâncias políticas ou sociais que dificultem seu curso, assim como assuntos relativos à saúde do analista ou do analisado que gerem obstáculos insuperáveis.

Outra forma na qual pode ocorrer a desvalorização do trabalho clínico ocorre quando uma espécie de banalidade sutil se apodera da análise, com o que se produzem tratamentos insubstanciais.

A Reação Terapêutica Negativa (RTN) é algo diferente. Ocorre quando, ao se revelar uma realidade de valor analítico, tal descobrimento se depara com uma resistência inamovível. Poderia se dizer que, na história lendária da psicanálise, a primeira RTN ocorreu quando Édipo saiu correndo do templo do Oráculo de Delfos. A sacerdotisa de plantão tinha lhe revelado uma interpretação que, ainda sendo verdadeira e potencialmente curativa, era também bastante imprudente e apressada, de uma natureza bastante difícil de assimilar. Os trágicos resultados são conhecidos por todos.

A partir de então, as questões técnicas foram se refinando. Ao longo dos séculos fomos mudando a mobília do templo, descemos do trono e deixamos de prever o futuro – ligado a um passado inamovível – para escutar o presente e buscar transmutá-lo em um novo cada vez que isso seja possível.

Em “Considerações e *desiderações* sobre o enquadramento”, Fernando Orduz (Bogotá) nos lembra que ainda está pendente a tarefa de nos desligarmos das tenacidades que conservamos daquele tempo mítico.

Maria Luisa Silva (Lima) nos mostra como nestes tempos a vida se respira acelerada e falsamente “positiva”, como caímos muitas vezes em uma esforçada fuga de tudo o que parece

negativo e se produz um espaço vazio que se expressa – também na clínica – através da vivência de uma não-relação.

Agustina Fernández (Buenos Aires) propõe que, em nosso tempo, os ideais adotam a forma de mandatos superegóticos. Esses se inscrevem em fórmulas que, às vezes, deixam passar inadvertida uma coalizão entre os ideais narcisistas do analista e os da pessoa em análise. Quando tudo anda “bem demais”, é provável que ambos estejam evitando perceber as sombras que nublam o trabalho analítico.

Álvaro Carrión (Quito) busca situar aqueles aspectos de um processo psicanalítico que se estabelecem de forma negativa. Os relatos clínicos de Laura e Francisco serviram como exemplo de como a ira se move para uma posição excêntrica.

Luis Martins (Madri) nos submerge em uma importante reflexão sobre a relação entre o trauma e a perversão. A escuta de pessoas em análise que praticam relações sadomasoquistas, autolesões físicas, transtornos de alimentação, incesto, ou a mera malignidade humana, nos leva a perguntar pela forma em que puderam processar (ou não) experiências traumáticas que provavelmente ocorreram em sua história infantil.

Paulo Marchon (Fortaleza) lança uma garrafa ao mar como uma mensagem escrita na esperança de descobrir novos horizontes e evitar o naufrágio da análise de cinco anos de um homem de 60.

Pablo Santander (Santiago) nos mostra, através da supervisão do início de um tratamento analítico, como a hostilidade na contratransferência pode distorcer um processo nascente.

Por último, analistas em formação da Associação Mexicana para a Prática, Investigação e Ensino da Psicanálise - Ampiep, associação civil) nos relatam o impacto grupal que significou o suicídio do paciente de um deles.

Referências

Freud, S. (1912). Sobre la dinámica de la transferencia. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1987)

Freud, S. (1913). Sobre la iniciación del tratamiento. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1987)

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.